

 HARLEQUIN®

Sabrina®



Michelle Smart
PAIXÃO NAS ILHAS FIJI

Sabrina®

PAIXÃO NAS ILHAS FIJI

Michelle Smart



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Avenida de Burgos, 8B
28036 Madrid

© 2019 Michelle Smart
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Paixão nas Ilhas Fiji, n.º 1899 - agosto 2022
Título original: A Passionate Reunion in Fiji
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1141-159-2

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Livia Briatore subiu a escadaria do avião. O coração batia com tanta força que o sentia nas pontas do cabelo. O sol estava a pôr-se e a escuridão crescente adequava-se perfeitamente à que a envolvera nos meses anteriores.

A tripulação, a mesma do que quando apanhara aquele avião há dois anos, cumprimentou-a calorosamente.

Respondeu com um sorriso que lhe custou tanto esboçar que os músculos da sua boca protestaram. Passara quatro meses sem sorrir.

O medo criava-lhe nós no estômago. Cerrou os dentes e ergueu o queixo, antes de entrar na cabina luxuosa onde passaria as próximas vinte e seis horas a viajar para Fiji.

Imediatamente, assaltou-a o cheiro familiar dos estofos caros, misturado com o de almíscar e cítricos do homem que estava num dos bancos, com um portátil à frente dele.

Quase se dobrou por causa da dor que sentiu no estômago.

Da primeira vez que entrara naquele avião, que descolara desse mesmo aeroporto de Roma, sentira-se emocionada e cheia de felicidade. O homem que, agora, olhava para o portátil mal pudera esperar para que descolassem para a levar para o quarto e fazer amor com ela.

Só restavam cinzas daquela paixão que os levara a casar-se um mês depois de se terem conhecido.

Afastou as lembranças dolorosas. Fizera uma promessa e cumpri-la-ia, por muito que a magoasse.

Na cabina, havia quatro lugares frente-a-frente, com o corredor no centro. Livia sentou-se do outro lado de Massimo, que levantara o seu biombo, por isso, só se viam os sapatos.

Pôs o cinto de segurança e cruzou os dedos para não roer as unhas. No dia anterior, fizera um tratamento com um gel caro para disfarçar o facto de ter as unhas em carne viva. Não queria que Massimo as visse assim. Não suportava que percebesse os sinais de que tinha o coração partido.

Livia remendara o coração, lambeira as feridas e seguira em frente. A única coisa boa da sua infância era que a ensinara a sobreviver.

Também sobreviveria aos quatro dias seguintes. Depois, não teria de voltar a ver Massimo.

A voz do comandante indicou-lhes que estavam prontos para descolar. Massimo fechou o biombo, desligou o portátil e pôs o cinto. Sem olhar para ele, Livia sentia consciência de cada um dos seus movimentos.

Ansiava ver os músculos do seu corpo alto e magro a fletir-se por baixo da camisa, com o colarinho desabotoado. De certeza que tirara a gravata que usara no congresso. Massimo só se cingia às regras quando o considerava necessário. Livia supôs que o congresso de engenharia celebrado em Londres, no qual fora o convidado de honra, fosse uma ocasião merecedora de usar um fato.

Descobrira que estava em Londres porque a secretária dele lho mencionara casualmente num *e-mail*.

Só quando o avião começou a mexer-se pela pista é que os olhos da cor do caramelo pousaram brevemente nela, antes de se virar para a janela.

O rosto de Massimo fora-lhe familiar muito antes de o conhecer pessoalmente. Contratada como enfermeira do seu avô, observara imensas vezes o retrato familiar dos Briatore que pendia na sala do avô. Massimo era o único que sorria forçadamente. O seu rosto era bonito: comprido, com maçãs do rosto altas, nariz romano e boca grande e

firme. O facto de pertencer a um multimilionário que começara do zero era o menos importante. Ter-se-ia sentido atraída por aquele rosto, independentemente do seu dono.

Ao vê-lo pela primeira vez em carne e osso, na igreja onde a sua irmã se casava, ficara com falta de ar. Quando sorrisse pela primeira vez, sentira que se derretia.

Depois de ter trocado olhares de esguelha com ele durante a cerimónia, fora para o bar do hotel onde se celebrava o copo-d'água e ele seguira-a. Não se lembrava do que lhe dissera nesses primeiros momentos, mas fizera-o sorrir. E sentira-se como se se conhecessem há anos.

E, agora, nem sequer olhava para ela.

Livia não sabia como iam sobreviver a um fim de semana com a família dele. O seu avô fazia noventa anos e eles fingiriam que continuavam juntos.

Massimo observou a cidade enquanto desaparecia por baixo das nuvens e tentou esclarecer as ideias.

Quando acedera a falar no congresso de Londres, parecera-lhe lógico ir buscar Livia a Roma.

Pensava que, depois de quatro meses separados, estar com ela não seria um problema. Não sentira a falta dela. Também não tivera tempo, absorvido pelo trabalho. Dedicara-se aos seus múltiplos negócios, tal como antes de ela entrar na sua vida e a virar do avesso.

No dia em que ela se fora embora, comprara uma cama para o escritório. E dormira lá na maioria das noites. Era muito mais confortável do que o sofá que usava nas noites em que ficava a trabalhar até tarde e não voltava a casa.

Não previra que o sangue acelerasse e as mãos suassem por ter aterrado na cidade em que ela vivia e estar por baixo do mesmo céu.

E ali estava ela. E as células entorpecidas do seu corpo tinham renascido.

Porque não insistira que ela viajasse para Los Angeles, onde poderia ter ido buscá-la? Não podiam viajar para Fiji separados, porque estragaria o plano que tinham combinado, mas podia ter organizado as coisas de modo a passarem o menor tempo possível juntos no avião, não as vinte e seis horas que o voo duraria.

Quando regressassem, viajariam juntos até à Austrália, onde ela apanharia outro avião para voltar para Itália.

Levava-a com ele por causa do seu avô, Jimmy Seibua, doente terminal, que fizera um cruzeiro de Roma para Fiji com a sua família e um exército de pessoal médico e chegara à ilha há três dias.

Aquele fim de semana era a única coisa que mantinha o seu avô com vida, essa última visita à sua terra natal, de onde saíra com vinte e dois anos. Jimmy faria noventa anos na ilha onde nascera, agora, propriedade de Massimo, com os seus entes queridos. O seu avô considerava Livia da família e amava-a como se fosse sua neta. A única objeção que tivera quando Massimo decidira casar-se com ela fora o facto de ficar sem a sua enfermeira, que o cuidara com tanta dedicação durante a sua primeira batalha contra o cancro.

E Massimo sabia que Livia também amava Jimmy.

- Vais passar o voo todo a fingir que não estou aqui? - perguntou Livia, em italiano.

Massimo cerrou os dentes. A sua esposa era assim, sempre direta. Se não gostava de alguma coisa, dizia-lhe. Durante muito tempo, a causa da sua infelicidade fora ele, por isso, não o surpreendera quando lhe dissera que ia abandoná-lo.

O seu casamento com Livia, de apaixonado e estimulante, passara a ser uma zona de guerra. E ela questionava-se porque passava tanto tempo a trabalhar? Nas noites que tinham passado juntos nos últimos meses, ela dormira de costas para ele.

Engoliu em seco para desfazer o nó que tinha na garganta, olhou para Livia e disse:

- Cortaste o cabelo.

O seu cabelo bonito e castanho, que lhe caía até à cintura, estava escadeado agora e chegava-lhe aos ombros. E fizera madeixas. Livia não era a mulher mais bonita do mundo, mas, para ele, era uma preciosidade: sensual e com uma gargalhada rouca e forte, que ouvira a ecoar nas paredes da igreja enquanto esperavam que a noiva, a sua irmã, chegasse. E ao ver aquela mulher a rir-se, a sua existência mudara por completo.

Aproveitara a primeira oportunidade para falar com ela e sentira-se fascinado com a sua mente inquisitiva e com a sua ansiedade de conhecimento. Encontrara nela a mulher que não sabia que procurava.

Ou, pelo menos, fora o que pensara.

Ela esbugalhou os olhos castanhos e reprimiu uma gargalhada, antes de perguntar:

- É só isso que vais dizer?

Não esperou que lhe respondesse. Tirou o cinto de segurança e levantou-se.

Percebeu que ela perdera peso.

Tinha os lábios carnudos apertados ao passar ao seu lado. A porta da casa de banho fechou-se com força, alguns segundos depois.

Massimo não esperava que fosse fácil, mas estava a ser muito mais difícil do que o previsto.

Livia sentou-se na sanita, contendo as lágrimas. Já vertera demasiadas por ele.

Massimo nunca a amara. Não devia esquecê-lo.

Ela amara-o. Profunda, verdadeira e loucamente.

Pelo contrário, ele devastara-a.

O pior era que ele não sabia. Apesar de ser muito inteligente, o seu marido tinha a profundidade emocional de um verme, mas ela, na sua cegueira, não se apercebera.

Amara-o e, embora o eco desse amor continuasse no seu coração, não era real. Já não o amava. Estava ali para cumprir a promessa que lhe fizera no dia em que a deixara ir-se embora sem lutar, sem tentar retê-la.

Queria que se fosse embora. Sentia-se aliviado. Vira-o nos seus olhos.

Livia levantou-se. Era Livia Briatore, Livia Esposito antes de se casar, filha de Pietro Esposito, sicário e membro do clã de Don Fortunato até ao seu assassinato, quando ela tinha oito anos. Fora criada em Secondigliano, o bairro mais perigoso de Nápoles, rodeada de drogas e violência, e aprendera desde muito pequena a não demonstrar medo.

A não demonstrar nada.

Fugir de Nápoles para estudar enfermagem em Roma fora como aprender a respirar. Forjara uma nova vida e a felicidade que lhe proporcionara compensara a ansiedade que sentia por se ter afastado dos seus irmãos. A vida deixara de ser um nó no estômago para se transformar numa aventura. Aprendera a rir-se. Com Massimo, aprendera a amar.

No entanto, a sua antiga barreira protetora não desaparecera por completo e, para superar os quatro dias que a esperavam, precisaria dela. Devia estar alerta, não para se proteger de Massimo, mas para se proteger do seu coração estúpido.

Voltou para o seu lugar e não a surpreendeu que Massimo estivesse a trabalhar novamente no portátil.

Ele levantou o olhar e observou-a.

- Pedi café para os dois. Queres comer alguma coisa?

- Já comi - respondeu ela, embora só tivesse ingerido meia torrada todo o dia. O estômago não aceitara mais nada. Saber que ia voltar a ver Massimo destruíra o equilíbrio precário que conseguira.

A viagem seria longa e ela não queria passá-la num silêncio incómodo.

- Como estás?

Ele voltou a concentrar a atenção no computador.

- Ocupado.

Ela odiava aquela palavra. Era a que ele usava sempre para justificar as suas ausências constantes.

- Estás tão ocupado que não podes parar cinco minutos e falar?

- Tenho de enviar uma análise de dados.

Há dois anos, ter-lhe-ia falado dos dados e da análise, presumindo que ela se interessaria. A verdade era que tudo o que dizia respeito a Massimo lhe interessara. Tinha um cérebro privilegiado. Depois de se licenciar em Engenharia Informática, mudara-se para os Estados Unidos, onde criara uma empresa, a Briatore Technologies, enquanto se doutorava em Engenharia Física e, depois, em Física Aplicada.

A empresa, da qual continuava a ser o único dono, tinha milhares de empregados em todo o mundo e criava soluções sustentáveis para as grandes ameaças criadas pelo dióxido de carbono. Massimo impusera-se a missão de salvar o planeta. O facto de ter conseguido uma fortuna ao fazê-lo era o menos importante. Estava na lista dos trinta homens mais poderosos do mundo e na dos cinquenta mais ricos.

Teria sido muito fácil fazer com que se sentisse estúpida, mas não o fizera. Com paciência e sem condescendência, explicava-lhe tudo o que não entendia a respeito do seu trabalho.

Estava tão emocionada por aquele homem inteligente, rico, triunfante e com um rosto e um corpo que um deus invejaria estar tão cativado por ela como ela, por ele, que não se apercebera das suas falhas emocionais.

Assim que os primeiros arrebatamentos de paixão se esgotaram, voltara a encerrar-se no mundo que criara, escondendo-se da mulher com quem se casara.

O silêncio tornou-se cada vez mais opressivo.

Livia observou-o a trabalhar.

Enquanto o fazia, detetou mudanças subtis. Alguns cabelos brancos, que não tinha antes, salpicavam-lhe o cabelo preto nas têmporas. Tinha barba, como se tivesse desistido de se barbear e também de dormir, a julgar pelas olheiras que mostrava. Nunca dormira muito. Tinha o cérebro demasiado ocupado para dormir.

Livia reprimiu os remorsos que a assaltavam. Massimo tinha trinta e seis anos, idade suficiente para cuidar de si próprio, se quisesse fazê-lo.

Esticou a mão distraidamente para agarrar na chávena de café, bebeu um gole e continuou a escrever.

De repente, ela não pôde continuar a suportá-lo. Levantou-se, aproximou-se e fechou-lhe a tampa do portátil de repente.

Capítulo 2

Massimo cerrou os dentes e pôs a mão no portátil para impedir que ela o agarrasse e o atirasse ao chão.

- O que estás a fazer?

- Estamos a viajar há uma hora e mal disseste dez palavras.

- Disse mais algumas - corrigiu-a ele.

- E, agora, estás a ser pedante, para além de indelicado. Como vamos convencer o teu avô e o resto da tua família de que continuamos juntos se não és capaz de olhar para mim ou falar comigo?

- Não estou a ser indelicado. Isto é importante para mim. Na segunda-feira, vamos experimentar os protótipos...

- Tanto me faz! - gritou ela. - Não quero saber no que estás a trabalhar. Estou aqui para te fazer um favor, pelo teu avô. O mínimo que podes fazer é tratar-me com respeito.

- Se não o fiz, peço-te desculpas - desculpou-se ele, mordendo a língua para não lhe responder: «O que esperavas?». Fora ela que o abandonara e que se rira na sua cara quando falara de terem um filho.

Não sabia como comportar-se com ela. Concentrar a atenção no ecrã era a única ferramenta de que dispunha para controlar o tumulto emocional que sofria. O facto de essas emoções continuarem presentes era incrível, mas Livia sempre despertara sentimentos nele para os quais não havia espaço no seu mundo, sentimentos mais